

PMDB adia escolha de nome

31

Decisão, estimulada pelo Planalto, favorece a candidatura de Sarney

André Barrocal*
de Brasília

O Palácio do Planalto jogou pesoado contra a comando do PMDB e levou a melhor. Conseguiu que o partido decidisse ontem adiar para o dia 31 a escolha do candidato à presidência do Senado. Na prática, isso significa a derrota da cúpula peemedebista, representada no episódio pelo líder da bancada no Senado, Renan Calheiros (AL).

Com o adiamento, pavimenta-se o caminho que deve levar o senador José Sarney (PMDB-AP), aliado do Planalto, a dirigir o Congresso. Também abre-se espaço para que o comando do PMDB seja desalojado da máquina, o que facilitaria a entrada dos peemedebistas na base parlamentar do presidente Lula.

O triunfo do Planalto será ratificado hoje. Na Paraíba, sarneysistas e lulistas do PMDB se reunirão com o ex-presidente Sarney para ratificar a candidatura dele ao comando do Senado — nem que seja contra o resto da bancada. Enquanto isso, em Brasília, Calheiros irá ao ministro José Dirceu, da Casa Civil, para negociar uma saída honrosa para si.

“O Renan é carta fora do baralho”, disse um petista graduado. Segundo ele, estuda-se como acomodar Calheiros. O senador poderá comandar uma comissão de peso, como a de Constituição de Justiça

(CCJ), por onde passam todos os projetos. Pode também ser agraciado com a relatoria de matérias importantes e continuar líder com o aval do Palácio do Planalto.

Nos bastidores, Calheiros já deu mostras de ter cedido à pressão mas, de público, declara que segue no páreo. “O PMDB vai reabrir as conversas, mas a minha candidatura está mantida”, afirmou ele ontem na hora do almoço, após anunciar o adiamento da eleição interna.

Renan havia convocado a reunião de ontem como última cartada a fim de emplacar sua candidatura. Dizia ter apoio da maioria dos 20 senadores peemedebistas da legislatura que começa em fevereiro e pretendia, colocando-se logo como candidato oficial, constranger o PT a votar nele, pois existia um acordo entre petistas e peemedebistas.

Telefonemas na madrugada

O bombardeio à reunião foi grande, no entanto. Na noite e na madrugada de quarta para ontem, Dirceu, articuladores governistas e Sarney dispararam telefonemas para senadores do PMDB. Buscavam forçar a postergação da escolha. O ex-presidente pedia aos aliados que boicotassem a reunião. Sem 11 presenças, ela não seria válida.

Paralelo a isso, José Dirceu argumentava que seria ruim para as re-

lações do Congresso com o governo que houvesse a indicação de alguém que não agrada o Planalto. “Os líderes do Partido dos Trabalhadores e do governo legitimamente têm atuado para formar a base do presidente Lula na Câmara e no Senado”, justificou-se o ministro, negando ter oferecido cargos a alguém.

A pressão de Dirceu deu certo, mas não a de Sarney. Dos 20 senadores, 12 foram ao encontro da bancada, o que validaria qualquer decisão. Mas o próprio líder já havia entregue os pontos, apesar de garantir ter declaração de votos de 14 correntes religiosas. Abriu a reunião para encerrá-la logo em seguida.

“Atendi à ponderação de muitos companheiros, de líderes de todos os partidos e de vários ministros, sobretudo do ministro José Dirceu”, disse Calheiros, que falou com o ministro da Casa Civil por telefone logo cedo, antes da reunião. “Foi um gesto pela paz, pela unidade e pela coesão partidária.”

Até o dia 31, o PMDB vai tentar construir a unidade que lhe falta desde o primeiro governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A tendência é que Sarney seja o candidato, mas não se descarta um terceiro nome, que poderia ser o do atual presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS).

*Gazeta Mercantil Tempo Real